



“O contato de Mário de Andrade com a matéria popular brasileira foi pessoal, íntimo, intenso e diversificado. Como escritor, recriou temas e formas da cultura do povo. Como pesquisador, além de estudar as obras de folcloristas e etnógrafos, colheu e registrou vasta documentação sobre literatura, música, dança, religiosidade e medicina do povo.

A presente antologia revela a riqueza de motivos e inspirações que Mário de Andrade absorveu da cultura popular e dos seus diversos contatos com caipiras do Norte e do Sul, da roça e da cidade. Ao mesmo tempo, põe em evidência as dificuldades enfrentadas pelo escritor em seu espinhoso projeto de “ida ao povo’.”



sm

sm

# BRIGA DAS PASTORAS e outras histórias

Mário de Andrade e a busca do popular

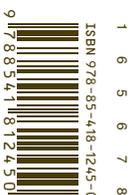


ORGANIZAÇÃO  
Ivan Marques

ILUSTRAÇÕES  
Maurício Negro

sm

BRIGA DAS PASTORAS e outras histórias Mário de Andrade e a busca do popular





Arquivo do IEB – Fundo Mário de Andrade

Poeta, ficcionista, crítico, ensaísta, folclorista, professor de música, Mário de Andrade foi um dos líderes, e sem dúvida o principal teórico, do Modernismo brasileiro. Referência intelectual em sua época, calcula-se que tenha escrito mais de dez mil cartas, constituindo talvez a mais impressionante rede de diálogos da nossa vida cultural.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em 1893, na cidade de São Paulo. Formou-se em Ciências e Letras, cursou Filosofia e, em 1915, concluiu o curso de canto no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Em 1917, publicou, sob o pseudônimo de Mário Sobral, o seu primeiro livro de poesia, *Há uma gota de sangue em cada poema*.

Ao lado de Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, Heitor Villa-Lobos, entre outros, Mário foi figura marcante na célebre Semana de Arte Moderna, em 1922. No mesmo ano, lançou *Pauliceia desvairada*, o primeiro livro brasileiro de poesia moderna, que mistura o registro objetivo da vida urbana com o tumulto de sensações do sujeito lírico.

A história do Modernismo sofreu uma guinada em 1924. Depois do diálogo inicial com as vanguardas europeias, os artistas e escritores ligados ao movimento se voltaram para o Brasil, numa espécie de redescoberta do país. Mário passou a defender uma arte interessada na cultura popular e na busca da identidade nacional. “Precisamos dar uma alma ao Brasil”, escreveu numa carta ao poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.

Foi nesse momento que ele começou a lutar pela criação de uma língua genuinamente brasileira, que sintetizasse as diversas linguagens faladas por todo o país. A principal obra do Modernismo, *Macunaíma*, traz a procura por essa síntese. Mas também apresenta as contradições do brasileiro “sem nenhum caráter”, revelando o pessimismo do escritor com relação às concepções eufóricas da brasilidade.

De 1934 a 1937, Mário de Andrade dirigiu o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, tendo realizado uma obra notável nos setores da educação infantil, da divulgação artística e da reforma musical. Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde atuou como crítico literário e professor universitário. Voltou a São Paulo em 1940, como funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico.

O escritor morreu em sua cidade natal, em 1945, em plena atividade criativa e intelectual, deixando por publicar alguns de seus livros mais importantes.

Principais obras: *Pauliceia desvairada* (1922); *Clã do jabuti* (1927); *Amar, verbo intransitivo* (1927); *Macunaíma* (1928); *Remate de males* (1930); *Os contos de Belazarte* (1934); *Contos novos* (1947).

**BRIGA DAS PASTORAS**  
e outras histórias

Mário de Andrade e a busca do popular



# BRIGA DAS PASTORAS e outras histórias

Mário de Andrade e a busca do popular

© Ivan Marques (organização), 2015

GERÊNCIA EDITORIAL Adilson Miguel  
EDIÇÃO EXECUTIVA Graziela R. S. Costa Pinto

COORDENAÇÃO EDITORIAL Lígia Azevedo  
REVISÃO Carla Mello Moreira

EDIÇÃO DE ARTE Natalia Zapella  
PRODUÇÃO INDUSTRIAL Alexander Maeda  
IMPRESSÃO PSP Digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Mário de, 1893-1945.

Briga das pastoras e outras histórias: Mário de Andrade e a busca do popular / organização Ivan Marques; ilustrações Mauricio Negro. — São Paulo: Edições SM, 2016.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-418-1245-0

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras  
I. Marques, Ivan. II. Negro, Mauricio. III. Título.

15-11200 CDD-869.3  
-869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira 869.8

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição janeiro de 2016

Todos os direitos reservados a

**EDIÇÕES SM**

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55  
Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil  
Tel. (11) 2111-7400  
www.edicoessm.com.br

ORGANIZAÇÃO

**Ivan Marques**

ILUSTRAÇÕES

**Mauricio Negro**



sm

# Sumário

7. Apresentação

14. Briga das pastoras

26. Será o Benedito!

32. Foi sonho

38. A tribo dos Pacaás Novos

44. Caso da cascata

48. A pesca do dourado

52. Tempo de dantes

56. Vida do cantador (última lição)

64. Chico Antônio

70. Bom Jardim

74. Piá não sofre? Sofre.

90. Túmulo, túmulo, túmulo

106. Primeiro de Maio

121. O apaixonado da coisa popular

139. Referências bibliográficas

# Apresentação

As imagens do povo frequentam as páginas da literatura brasileira desde o seu nascimento, ou seja, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha. Ao longo dos séculos, viajantes e escritores ostentaram as suas “descobertas do Brasil”, tendência que se intensificou no período romântico, quando houve também na Europa o despertar de povos e de nações. Foi no século XIX que surgiu a palavra *folklore*, para designar a “sabedoria popular”. Nos jovens países americanos, os intelectuais se lançaram por todos os meios à busca da identidade étnica ou nacional. No século XX, Mário de Andrade perseguiu a mesma pista — não como um romântico tardio, mas com agudeza e consciência crítica verdadeiramente modernas.

Uma coisa é a valorização da cultura popular. Outra, bem diferente, é a preocupação com a realidade sofrida dos que a produzem, pois a cultura popular é uma criação das camadas subalternas da sociedade. Como observou o filósofo italiano Antonio Gramsci, o povo pode ser o personagem principal de uma trama artística e, ao mesmo tempo, nela se encontrar ausente. No Brasil, essa foi precisamente a regra. Na velha literatura regionalista, por exemplo, a simpatia pelo povo quase sempre vinha acompanhada de paternalismo e soberba. Como interromper essa longa história de ocultamentos? Como trazer o povo ao proscênio, sem medo ou preconceito por parte das classes privilegiadas? Aí justamente reside a contribuição de escritores como Mário de Andrade.

Foi a partir do Modernismo que o povo se tornou, de fato, personagem central da literatura brasileira. Nesse processo, o

autor de *Macunaíma* teve dupla atuação, deixando legados decisivos como escritor e estudioso da cultura popular. A pesquisa, que se desdobrou em vários projetos, ajudou a dar espessura e singularidade ao Modernismo brasileiro no contexto das vanguardas latino-americanas.

Como folclorista, Mário de Andrade deixou obra insuperável e avançada, se considerarmos que em sua época esses estudos ainda eram rudimentares no Brasil. A riqueza folclórica do seu *Ensaio sobre música brasileira*, publicado em 1928, impressionou Luiz da Câmara Cascudo: “É o primeiro ensaio sobre a música brasileira feito por quem sabe música e recolhe material por mão própria”, escreveu o etnógrafo em 1934. Mário publicou também os volumes *Compêndio de história da música* (1929) e *Modinhas imperiais* (1930). Planejou ainda escrever uma obra alentada sobre a cultura popular nordestina, o livro *Na pancada do ganzá*, que deixou incompleto.

Boa parte dessa produção surgiu em decorrência das duas viagens etnográficas que Mário de Andrade realizou ao Norte e ao Nordeste, em 1927 e 1929, cujos relatos compõem o livro *O turista aprendiz*, publicado na década de 1970. Após a morte do escritor, sua ex-aluna Oneyda Alvarenga já havia aproveitado parte do material nos livros *Danças dramáticas do Brasil*, *Música de feitiçaria no Brasil*, *Os cocos* e *As melodias do boi e outras peças*. Outra publicação póstuma foi o *Dicionário musical brasileiro*, projeto iniciado por Oneyda e concluído por Flávia Camargo Toni.

Entre 1935 e 1938, Mário esteve à frente do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Nesse período, levou adiante os projetos da *Revista do Arquivo Municipal* e da Sociedade de Etnografia e Folclore. Outras duas iniciativas importantes foram o Curso de Etnografia, ministrado em 1937 por Claude Lévi-Strauss e Dina Dreyfus, e a Missão de Pesquisas Folclóricas, chefiada por Luís Saia, que viajou em 1938 para o Norte e Nordeste. Nessa época, o escritor se aproximou ainda de Roger Bastide, que seria mestre de Florestan Fernandes e outros pesquisadores da cultura popular, já em âmbito universitário. Desde logo foi



reconhecido o papel desempenhado por Mário de Andrade nesse processo de transição dos velhos estudos sobre o folclore, iniciados ainda no século XIX por escritores como José de Alencar e Sílvio Romero, para as pesquisas mais rigorosas que coincidem com o nascimento das Ciências Sociais no Brasil.

Como literato, o autor de *Macunaíma* evidentemente aproveitou muito de suas viagens e do trabalho de folclorista. A partir do contato com o povo, pôde construir as bases de sua língua literária (sempre tão cheia de matizes, viva e saborosa como uma boa conversa) e extrair dados para uma reflexão em profundidade sobre o Brasil. Mário costumava alertar para os perigos da “adesão incondicional ao povo”. Segundo ele, o criador erudito pode usar o popular, mas “não se transforma em popular”. Parecia-lhe essencial problematizar a diferença entre o intelectual e o homem do povo. Com efeito, a atitude de ocultar essa distância, para

simular uma identidade nacional que não existe, define o discurso populista (que não se interessa de verdade pelo povo), mas não a arte de *Macunaíma*, *Vidas secas* e *Grande sertão: veredas*, para citar apenas três grandes exemplos.

A presente antologia revela a riqueza de motivos e inspirações que Mário de Andrade absorveu da cultura popular e dos seus diversos contatos com caipiras do Norte e do Sul, da roça e da cidade. Ao mesmo tempo, põe em evidência as dificuldades enfrentadas pelo escritor em seu espinhoso projeto de “ida ao povo”.

O escritor “apaixonado da coisa popular” aparece inteiro em narrativas curtas e bem-humoradas como “Tempo de danças”, “A pesca do dourado” e “Foi sonho”, compostas no período entre 1928 e 1933 e incluídas no livro de crônicas *Os filhos da Candinha*, de 1943. A paixão se mostra ainda mais intensa nas histórias dedicadas ao cantador Chico Antônio, com quem ele conviveu durante seis dias no engenho Bom Jardim, no Rio Grande do Norte. Publicadas na *Folha da Manhã* em 1943 e 1944, essas crônicas foram reunidas no volume *Vida do cantador*, organizado por Raimunda de Brito Batista.

Já o espírito vanguardista, conectado ao primitivismo europeu das primeiras décadas do século XX, está presente no “Caso da cascata”, fragmento de *Macunaíma* (capítulo 4, “Boiuna Luna”) que Mário publicou separadamente em novembro de 1927 na revista *Verde*, de Cataguases. Na mesma categoria, poderia ser incluído o admirável “A tribo dos Pacaás Novos”, trecho da primeira parte de *O turista aprendiz*, em que o viajante narra sua aventura amazônica. Com esse relato fictício, o escritor vira de pernas para o ar as nossas concepções sobre cultura e civilização, seguindo de perto a lição de filósofos e etnógrafos que na época combatiam o etnocentrismo.

Mas não é só o “povo folclórico” que atrai a curiosidade de Mário de Andrade. A matéria popular também será buscada na cidade, ou melhor, em sua zona suburbana, onde Belazarte, alter ego do escritor, ambienta suas narrativas de gente pobre e infeliz, sempre “atento às dificuldades miúdas do cotidiano”.

Exemplo emblemático é o do conto “Piá não sofre? Sofre.”, de 1926, que integra o livro *Os contos de Belazarte*, publicado em 1934. A desventura do menino Paulino, acumulando sofrimentos sem saber por que era tão miserável, serve para denunciar a monstruosidade do processo excludente de modernização. O envolvimento do narrador fica claro pela presença do lirismo e do discurso indireto livre, por meio do qual a sua voz se mistura à do personagem.

Escrito na década de 1930, em outro contexto histórico, “Primeiro de Maio” segue, como num roteiro cinematográfico, o anônimo carregador de malas, batizado de 35, em suas andanças no Dia do Trabalho pela cidade de São Paulo. Incluída em *Contos novos*, volume publicado postumamente em 1947, a narrativa leva adiante o projeto de focalizar o homem do povo de modo realista e crítico, vendo nele menos heroísmo do que alienação e subserviência, reduzindo-o a um número, a um “herói-fracassado”, na expressão de Francisco Foot Hardman, sob a tutela do patriarcalismo autoritário.

Três contos, narrados na primeira pessoa, tratam das relações, ao mesmo tempo amistosas e desencontradas, que o intelectual estabelece com integrantes das classes populares. “Será o Benedito!”, de 1939, relata o seu convívio no interior paulista com o negrinho Benedito, “muito sabido das coisas rurais”, para quem o narrador contava “todas as coisas da cidade”. Em “Túmulo, túmulo, túmulo”, de 1926, o ambiente é a Pauliceia. Belazarte conta a história de sua “amizade” com o seu criado Ellis: “Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo...”. Além de denunciar “a difícil integração do negro na sociedade de classes”, título do famoso estudo de Florestan Fernandes, o conto revela o orgulho de classe e o ranço escravista que subsistem na sociedade, até mesmo entre os intelectuais interessados na “coisa popular”.

Em “Briga das pastoras”, de 1939, Mário de Andrade volta a pôr o dedo na ferida. O conto, incluído na segunda edição do livro *Primeiro andar*, que passou a integrar o volume *Obra imatura*, reconstitui o momento decisivo em que o folclorista, em sua

viagem ao Nordeste, entra em contato com a horrível miséria que está na base das manifestações da cultura popular. Sem saltar de um polo a outro, da riqueza cultural às agruras do cotidiano, como seria possível o conhecimento íntimo do povo? Sem questionar a si mesma, a literatura poderia algum dia se tornar moderna e crítica? Para escritores como Mário de Andrade, a questão era de vida ou morte. Portanto, para além das imagens do povo, esta coletânea também destaca as dificuldades vividas pelo intelectual em sua interação com essa presença inspiradora, mas também incômoda e perturbante — conflito que se tornou um dos problemas essenciais da cultura brasileira moderna.

Ivan Marques

*Nesta edição, respeitamos as peculiaridades de estilo, sintaxe e ortografia de Mário de Andrade, que muitas vezes não seguem as normas gramaticais.*